

FRAGMENTARES

Uma Experiência



AluciA Leal

Ana Lucia Santos Leal Damo

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

ANA LUCIA SANTOS LEAL DAMO

**FRAGMENTARES
UMA EXPERIÊNCIA**

Porto Alegre

2020

ANA LUCIA SANTOS LEAL DAMO

FRAGMENTARES

UMA EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais como requisito parcial para obtenção de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Camila Monteiro Schenkel

Porto Alegre

2020

DEDICO este trabalho aos meus inesquecíveis, sempre amigos e tão amados pais, Ivone Prado Santos Leal e Odair Santos Leal; e aos meus eternos e saudosos avós, Rosinha Chimelli Santos Leal, Durval Santos Leal e Helena Sibicowski Prado e Joaquim Vaz D´vila Prado.

Dedico também a todos aqueles que ouvem e cultivam a parte artista de suas almas.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão às professoras:

Prof.^a Dr.^a Elaine Athayde Alves Tedesco

Prof.^a Dr.^a Paula Viviane Ramos

Prof.^a Dr.^a Marina Bortoluz Polidoro;

Especial agradecimento para a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Camila Monteiro Schenkel;

Grande Agradecimento à equipe da Divisão de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, de modo especial ao Adriano Sempe Pedroso, também à Mercedes do Rocio, funcionários sempre dispostos a me auxiliar durante toda a minha graduação.

Agradeço também à Mara Esther Camejo Mussoi por sempre responder ao meu chamado.

Um agradecimento *In Memoriam* para a mãe da profa Elaine Tedesco que me presenteou com sua coleção de vidros de Nescafé.

Por fim, agradeço à Deus pela vida; à Jesus, pelos ensinamentos do caminho ainda que tortuosos e dolorosos; à Nossa Senhora Auxiliadora por me envolver em seu manto e confortar-me sempre que preciso. E também a todos os anjos e santos que me ajudaram a realizar este trabalho.



Foi o tempo que dedicaste
à tua rosa que a fez tão
importante...

O Pequeno Príncipe

RESUMO

Este trabalho propõe a reflexão sobre a construção de um acervo formado por objetos coletados em diversos percursos e ocasiões, além de fotografias, vídeos, diários de bordo e trabalhos antigos que foram sendo resgatados e anexados como arquivos, entre os anos de 2011 e 2019. Neste texto, não se pretende apresentar todos os objetos e imagens recolhidos ao longo desse percurso, mas sim dar a perceber um recorte dessa experiência em poéticas visuais do trabalho construído ao longo do curso de graduação no Instituto de Artes. Como resultado desta investigação, apresenta-se uma parte deste acervo, dividida basicamente em três segmentos: coleção de imagens, coleção de objetos coletados e a coleção de diários de bordo.

Palavras-chave: Coletar. Memória. Tempo. Objeto afetivo. Acervo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. UMA BREVE HISTÓRIA – A DESCOBERTA (QUANDO O COLETAR SE TORNA UM FAZER ARTÍSTICO).....	9
2. A COLETA - LOCAIS DE COLETA, OBJETOS COLETADOS REGISTROS GERADOS	11
3. A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO	15
3.1 ARMAZENAMENTO DOS OBJETOS	15
3.2 AS IMAGENS.....	16
3.3 OS DIÁRIOS DE BORDO	18
4. AS REFERÊNCIAS IMPREGNADAS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
CADERNO DE IMAGENS: FRAGMENTOS DO ACERVO	25
CADERNO DE IMAGENS: INSTALAÇÃO NA PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO	40
BIBLIOGRAFIA	52

INTRODUÇÃO

FRAGMENTARES é o resultado de uma experiência subjetiva que tem origem na conjunção de diversos objetos coletados e/ou criados por mim, imagens fotográficas, anotações, esboços, ideias, datas e eventos documentados em cadernos diários, os quais se organizam em três coleções básicas. Estas coleções foram sendo agrupadas de diversas maneiras ao longo de oito anos, quando explorei todas as possibilidades proporcionadas por elas, criando o acervo denominado FRAGMENTARES. Fragmentares é causa e consequência: causa quando um olhar poético encontra motivo; consequência quando, a partir dos pedaços ou vestígios, podemos construir um mundo de possibilidades.

Ao iniciar este trabalho, não era definitiva a decisão entre o uso dos termos acervo ou coleção para a designação da obra, apesar de me parecer mais adequado o primeiro. Tal reflexão me acompanhou durante todo o processo de escrita desse trabalho de conclusão de curso. Ao pesquisar sobre o significado de ambos, compreendi que coleção é o agrupamento de elementos bastante semelhantes num determinado espaço, sendo muito peculiar ou característico quanto ao assunto. Como exemplo, tem-se: coleção de cds, conchas, figurinhas de futebol, canecas, dedais, chaveiros, souvenirs de viagem, coleção de lápis, latinhas de cerveja, autógrafos, coleções de pintura, de desenhos, entre outras. O verbete coleção também é frequentemente usado para designar objetos adquiridos por uma pessoa ou grupo sem um caráter oficial, podendo claro, se tornarem grandes empreendimentos privados ou públicos. Uma coleção de coleções também é possível, mas implica igualmente em um conteúdo relacionado mais específico e sempre em uma determinada quantidade, pois um só elemento não pode constituir uma coleção.

Por outro lado, o termo acervo estaria relacionado a uma espécie de institucionalização de objetos/coisas de determinação jurídica como algo que compõe o patrimônio de uma empresa, de uma organização, de um país e também de uma pessoa. Ou seja, um acervo é uma espécie de oficialização de pertencimento – conclusão que obtive ao perceber que a palavra é preferida em obras jurídicas a sua correspondente, coleção. Também, apesar de um acervo poder conter várias coleções, também podem fazer parte dele objetos, artefatos únicos, singulares e sem par, tal como é constituído meu acervo pessoal.

Desse modo, pareceu-me mais adequada e definitiva a designação do trabalho de acervo por nele coexistirem coleções de coleções, objetos únicos; objetos agrupados, desagrupados; objetos catalogados ou não; coisas úteis, fúteis; sem nexos, com nexos; coleção de obras de arte; de livros; coleções de cadernos de artista; e até mesmo objetos guardados que nem sei mais se existem. Nele, há também o incoleccionável, como a saudade, as ideias que habitam as entrelinhas dos cadernos de viagem, os entredesenhos, as entrepinturas e os entreespaços dos pensamentos furtivos e das ideias fugidias que só eu tenho os códigos para acessar, como um cofre blindado.

Assim, o subtítulo deste trabalho “Acervos – experiências” guiou-me, ao longo dessa pesquisa, de maneira a me auxiliar na tessitura de uma rede de achados e lembranças afetivas que se cruzam e interlaçam e as quais convergiram não apenas na produção de um trabalho acadêmico, mas principalmente no trabalho de desvendar-me, impulsionando-me para uma nova fase de produção artística. FRAGMENTARES, fragmentos de vida acumulados em vidros de memórias e além.

1. UMA BREVE HISTÓRIA – A DESCOBERTA (QUANDO O COLETAR SE TORNA UM FAZER ARTÍSTICO).

A princípio, pensava que este acervo havia começado durante o período em que era estudante do curso de Arquitetura no Centro Universitário Ritter dos Reis, em 2002, especificamente da disciplina de maquete. Lembro-me que aquela disciplina me chamou muito a atenção, pois, além de termos que fazer uma extensa pesquisa em história da arquitetura, precisávamos reunir todo o tipo de material que pudesse servir para a construção dos pequenos protótipos de edificação: as maquetes. Como estes pequeninos edifícios eram construídos em escala, precisávamos encontrar materiais (tais como fios elétricos para simular grades, esponjas para simular copas das árvores e diversas espessuras de papel para representar paredes e piso) que preenchessem perfeitamente seus requisitos de tamanho, espessura e aparência. Este foi um momento muito significativo porque comecei a conectar o olhar com objeto real e a manipulá-lo. Foi um momento decisivo de conexão do olhar investigativo sobre a composição do material e a utilidade do objeto com o olhar analítico e intenso das aulas de desenho de observação, realizadas muito tempo antes no Atelier Livre da Prefeitura.

Nas aulas de maquete, comecei a enxergar com mais detalhes ainda o mundo que me cercava. Eu parecia dissecar os materiais com o olhar: suas cores, formas e dimensões, constituição. Eu tentava descobrir do que eram feitos os objetos e ficava pensando de que maneira eles poderiam se adaptar à construção daquelas pequenas edificações. Então, além da observação, iniciei o hábito da coleta. No início, buscava objetos com a utilidade única e exclusiva de produção dos trabalhos da disciplina da arquitetura. Entretanto, com o tempo, esses objetos deixaram de ter esse destino, e passei também a coletar coisas que antes eram deixadas para trás e que agora me instigavam. Iniciei instintivamente uma coleção. Após cada coleta, acondicionava estes objetos em sacos plásticos ou pequenas caixas. Assim, nessa aparente brincadeira, o caminho foi se tornando muito mais agradável. A vida estava mais interessante. Ao mesmo tempo que ia colecionando objetos, havia também um hábito quase compulsivo de tirar fotografias do cotidiano e ir armazenando em pastas, no computador.

Ao ingressar no curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, no ano de

2007, pude desenvolver novos olhares com relação a minha coleção devido ao contato com artistas, materiais e técnicas até então desconhecidos. Comecei a guardar os meus trabalhos de arte e também alguns vestígios das aulas por meio de objetos e fotografias daqueles momentos. Assim, esses vestígios passaram a ser como achados arqueológicos da minha existência.

No IA, também conheci o curso de História da Arte e passei a coletar outros tipos de artefatos que acreditava estarem conectados diretamente com obras de arte consagradas e com as histórias do tempo. Ao mesmo tempo em que preservava do esquecimento aqueles objetos do meu afeto, continuei com mais entusiasmo e capricho os diários de bordo que eu havia iniciado na adolescência e que vieram assim ser denominados após travar contato com os artistas viajantes e seus cadernos durante o Curso de Artes Visuais.

Vale salientar, ainda, a importância da disciplina de Atelier de Escultura II, ministrada pela professora Maria Ivone dos Santos, durante a graduação em Artes Visuais. Em uma aula que costurava a teoria e a prática contemporânea, tive a oportunidade de me descobrir e me conscientizar como sujeito criador, sendo levada a refletir, a partir desta experiência, sobre qual trabalho mais me representava como tal. Foi o momento de imergir naquilo que me constituía há muito tempo, minhas coleções, que até então eram mantidas como um projeto secreto, pois não as compreendia como arte. Assim, nessa oportunidade, que criei o trabalho PALEOGRAFIAR, de 2012, constituído por uma caixa organizada com materiais encontrados e coletados em Inhotim, MG. Foi uma das primeiras viagens de estudos que participei com a turma de História da Arte da UFRGS. Foram nestas viagens, onde tive a possibilidade conhecer lugares, objetos de arte, arquitetura, patrimônio histórico e cultural, assim como artistas e pessoas de todas as tribos, que começaram a convergir ideias e ações, as quais, mais tarde, iriam se revelar na constituição deste Acervo.

2. A COLETA - LOCAIS DE COLETA, OBJETOS COLETADOS E REGISTROS GERADOS

Ao longo de 8 anos, o recorte escolhido para o projeto de graduação, a coleta dos objetos que integram OS FRAGMENTARES, se deu principalmente:

1. No cotidiano, especificamente nos passeios a pé com meus cães, que aconteciam pelo menos duas vezes ao dia, ao longo de duas ou três quadras, no bairro Auxiliadora, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul;

2. No percurso para as aulas no Instituto de Artes da UFRGS, uma vez ao dia, cerca de cinco dias por semana, no sentido do meu bairro até o centro histórico de Porto Alegre;

3. Na Orla do Guaíba, quando visito a casa do meu pai, no bairro Ponta Grossa, na mesma cidade. (Esta casa, local de meu nascimento, infância e adolescência, também logo adiante mora minha irmã, e onde também frequento desde a construção da sua casa – época do nascimento dos meus filhos e de toda a nova geração da família);

4. Na beira da praia, nas férias de verão e feriados, no litoral norte do Rio Grande do Sul, na praia de Xangri-lá (lugar recorrente da minha infância e adolescência); e em outras praias, em diversas localidades do litoral de Santa Catarina e algumas do litoral fluminense;

5. Nas viagens e, de modo especial, nas de estudo da disciplina de História da Arte, quando percorremos cidades do Rio Grande do Sul, como Jaguarão, Pelotas, Rio Grande, Piratini, Bagé; e cidades históricas de outros estados como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

Nos percursos do meu bairro, a obrigação de ter que sair constantemente com os cães era-me bastante aborrecida. Entretanto, quando comecei a encontrar pequenos objetos inusitados, cada passeio se tornava mais interessante. Os ninhos de passarinho me chamavam muito a atenção; notei que eles apareciam logo após as tempestades. Não havia ovos nem passarinhos neles, para minha alegria. Eu notava as folhas secas, todas com um tom parecido, mas cada uma com sua característica. Observei as plantas da calçada dando brotos e produzindo sementes. Fui notando as penas de pássaros na caídas, predominantemente pequenas. Observei cascas de pequenos ovos partidos e encontrei também passarinhos mortos. De repente, tudo em relação aos passarinhos começou a

habitar o meu cotidiano. Eu me perguntava se eles só começaram a aparecer por causa da transformação da natureza ou se sempre estiveram ali e eu quem não os enxergava. Será que todos viam o que eu via ou era só eu que reparava?



AluciA, *Jardim de achados*, 2017, montagem digital.

Da observação do trivial do cotidiano, passei à coleta. Eu desejava eternizar uma parte daquela experiência, e, assim, coletar era uma espécie de fotografia sem o intermédio da câmera fotográfica, uma fotografia em 3D. Mas como iria acondicionar e preservar esses pedaços da experiência? Em uma das caminhadas, decidi usar os vidros de conserva para resguardar e apresentar estes pequenos objetos. No início foram pequenas penas, algumas folhas secas, sementes, ninhos de passarinhos, pequenas mudas de plantas recusadas dos canteiros.

As caminhadas se tornaram um observar-refletir-coletar sem fim. Dos passeios com os cães, se tornou mais significativo também o caminho das idas ao Instituto de Artes por onde me atia às outras formas que a cidade poderia colaborar para minha coleção de achados. Esse percurso era bastante diferente dos arredores da minha casa, pois moro numa

rua com muitas árvores e sem um fluxo intenso de pedestres. Em contrapartida, o percurso até o centro se dá em grande parte por transporte coletivo, seguido de um trajeto entremeado por pessoas, carros, ônibus, lotações, vendedores ambulantes, moradores de rua e barulho. Evidentemente, os tipos de materiais começaram a variar muito e não pareciam tão poéticos. Eram tampas de garrafas plásticas e de metal; latinhas de refrigerante e cerveja, lacres de latas, carteiras e bitucas de cigarro, pedaços de papéis, restos de comida, diversos pedaços de metais e plásticos, pedras soltas de calçadas, fios diversos, etc.

Outro local que sempre me interessou observar era a Orla do Guaíba, de modo especial onde está situada a casa do meu pai. Sempre que vou até lá, faço meu costureiro passeio naquelas areias molhando os pés. Ali podemos encontrar uma infinidade de coisas, principalmente se for depois de uma chuvarada ou vendaval. Melhor ainda, se for no inverno, quando acontecem as maiores vazantes, responsáveis por trazerem os mais diversos objetos: desde as garrafas pet, e seus milhares de tampinhas coloridas, até os mais diversos tipos de artefatos como brinquedos de criança, roupas, mochilas, potes plásticos, plantas e galhos; além de uma variedade de peixes, tartarugas, caracóis, gatos, cães, porcos e cabritos, alguns degolados, outros amarrados a cordas e arames.

As viagens com a turma da História da Arte do Instituto de Artes da UFRGS se caracterizaram como, além de um momento de aprendizagem acadêmica, um espaço de coleta instigante. Havia sempre tanto para ver, ouvir, cheirar, degustar, escrever, fotografar que seria impossível registrar todas aquelas experiências com os mecanismos convencionais que conhecemos. De qualquer forma, encarei o desafio lançando mão de diferentes estratégias: a fotografia, a filmagem, a escrita, o desenho, a pintura e o coletar um objeto da cena. Tentava fazer o necessário para viver o mais intensamente possível aqueles momentos e conservá-los de alguma forma. Sendo assim, levava para o hotel, lavava, secava, embalava em folhas de papel e acondicionava em caixas de papelão que também eram encontradas pelo caminho, ou solicitadas no comércio local. Se os objetos eram múltiplos e pequenos, já os acondicionava em pequenas embalagens plásticas, os quais costumava carregar na minha caixa de utilidades, juntamente com outros apetrechos, para estas ocasiões. Ao final da viagem, embalava as caixas em plásticos e as lacrava com fita crepe, onde escrevia a data e local da coleta.

Não havia critérios a serem seguidos na escolha dos materiais que comporiam a coleção: inicialmente, eram escolhidos por utilidade; depois, por serem agradáveis ao olhar ou simplesmente objetos curiosos ou característicos do local. As escolhas eram realizadas conforme meus *insights*. Algumas delas estão relacionadas à memória afetiva; outras a

materiais que já haviam sido utilizados em trabalhos realizados nas disciplinas; e outras ainda, relacionadas a conhecimentos sobre obras de arte consagradas ou materiais de atelier de artistas conhecidos estudados nas aulas de História da Arte e demais aulas teóricas.

3. A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO

3.1 Armazenamento dos objetos

Inicialmente, os objetos eram armazenados, em sacos plásticos ou de papel, no dia em que eram coletados. Normalmente fazia uma triagem para realizar um novo levantamento e realizava, se necessário, uma espécie de assepsia. Os objetos que se encontravam sujos eram lavados e secos; os demais eram apenas escovados e acondicionados. Posteriormente, eram divididos por temas, por materiais ou até aparência, sendo armazenados em sacos plásticos especiais, do tipo ZipLok, ou em celofanes que dão uma aparência brilhante, ou folhas plásticas comuns, conforme a disponibilidade. Outro modo de armazenamento que aprecio muito são as caixas de papelão e de madeira, assim como malas antigas, que também foram, em sua maioria, encontradas descartadas como lixo.



AluciA, *Objetos achados e acondicionados*, 2017, fotografia.

O cuidado com o acondicionamento e escolha dos materiais que envolveriam cada objeto dependia da fragilidade de cada um. A sua preservação é importante mas, ao mesmo tempo, o modo de apresentação dos objetos é essencial. Assim, conjugando esforços, procurei resguardá-los de modo que ficassem prontos para apresentação. Por este motivo, também, elegi para esse fim, vidros de conserva translúcidos, pois, além de preservar promoviam visibilidade, permitindo inclusive o manuseio durante uma exposição pública. Os vidros de conserva usados, com ou sem tampa, são advindos dos mais variados produtos. Além dos vidros, fiz uso de garrafas pet de água mineral de cinco litros, as quais cortava numa mesma altura de maneira a padronizá-las e onde acondicionava os materiais mais ordinários, encontrados mais comumente e inquebráveis. Por outro lado, os materiais mais interessantes e delicados, eram guardados nos vidros. Se fosse possível, colocaria tudo dentro de vidros, pois os considero a maneira ideal de organizar e proteger, mas, principalmente, de colocar em evidência, de se fazer mostrar seu conteúdo.

Após esse cuidado inicial realizei um ordenamento dos objetos, por data, local ou percurso, o que não impediu que, mais tarde, pudessem ser rearranjados por tipo de material, ou por uma nova ideia. Infelizmente, como ainda não tenho um local para deixar todo esse material reunido, tudo encontra-se em caixas de papelão que por sua vez estão guardadas em diferentes locais: armários da minha garagem, garagem dos amigos e parentes, guarda-móveis, porões, sótãos e esconderijos clandestinos.

3.2 As Imagens

Comecei a reunir meus arquivos de imagens desde longa data. Quando criança, já gostava de admirar as fotos antigas dos meus ancestrais e guardá-las em caixas de madeira com pequenas fechaduras: eram os meus tesouros. Talvez por isso eu escondesse muito bem as caixas. Algumas fotografias permaneceram guardadas em caixas por um grande período de tempo. São fotografias em preto e branco, cuja grande maioria foi tirada pelo meu pai, um grande entusiasta da fotografia, que teve diversas máquinas fotográficas, filmadoras e um grande projetor de filme. Assim, desde cedo tive a oportunidade de manusear máquinas fotográficas, as quais colaboraram muito para a minha visão de mundo. Tive várias câmeras analógicas, principalmente várias daquelas populares, inclusive as descartáveis. Com o tempo, o mundo das imagens foi desenvolvendo-se rapidamente, e eu fui tentando acompanhar a tecnologia que se tornava mais acessível aos bolsos brasileiros, podendo

adquirir algumas máquinas fotográficas digitais. Quando surgiram os smartphones e seus dispositivos fotográficos sofisticados, tornou-se quase uma obrigação fazer fotos. Passei, então, a observar mais ainda, a partir de uma nova perspectiva e com mais detalhes, o mundo que me rodeava.

As aulas de fotografia do curso de Artes Visuais, do Instituto de Artes da UFRGS, me renovaram o interesse pelo assunto. Passei a revisitar os arquivos de imagens da família e dos parentes, descobrindo slides e rolos de filmes nunca revelados, além de filmes de VHS amadores. Inclusive, cheguei a encontrar nas calçadas do meu bairro, uma lata redonda e muito antiga, contendo um filme Super 8. Com esse novo olhar, dei início a uma espécie de arquivo de tempo, capturando e guardando milhares de imagens relacionadas aos momentos em que permaneci no Instituto de Artes.

Uma das motivações, entre tantas, para composição da minha coleção é o de fixar, marcar, “fatiar” determinado momento e congelar dentro de um espaço de tempo para ali preservar. Talvez seja por isso que além dos objetos, também coloco fotografias dentro de garrafas e vidros, principalmente quando as imagens são de pessoas. Isso produz uma falsa sensação de eternidade. Os arquivos fotográficos são de variados assuntos (perpassando a poesia da natureza e a questão do inútil, do des-útil, do abandonado, do velho, do antigo, do que é simples, do que é do cotidiano, do óbvio, do ululante), mas prioritariamente se relacionam com atividades do cotidiano que, registradas através de uma câmera fotográfica, transformam um dia comum em um especial. Também há os autorretratos, em que uso minha imagem como um manequim que está sempre à disposição, de maneira rápida e eficaz. Tal proposta teve início após algumas dramatizações em paisagem diversa com uma manequim encontrada descartada em uma calçada.



AluciA, *Melancolia dos objetos encontrados*, 2013, fotografia.

3.3 Os Diários de Bordo

Os diários de Bordo têm sua gênese nos meus diários pessoais originados na pré-adolescência quando li pela primeira vez o livro “Diário de Anne Frank”. Este foi um livro, impactante na época, acabou me incentivando a iniciar uma produção escrita que servia tanto para guardar lembranças, como para servir de fiel companheiro.

Outra importante referência na época foram os cadernos de anotações de Leonardo DaVinci com seus desenhos de estudos com observações.

Meus diários foram evoluindo com o passar do tempo e começaram a ter a configuração atual aproximadamente em 2002, quando comecei a me dedicar mais intensamente ao estudo das artes e a conhecer de modo mais profundo o trabalho de diferentes artistas (de modo especial de artistas viajantes, como Hans Staden, frei André Thevet, Jean de Léry, Rugendas,- Na Missão Artística Francesa, Debret, e – entre os artistas mais contemporâneos, Paul Klee).

Durante a graduação, os diários de bordo não objetivavam apenas guardar anotações de aulas, funcionavam também como organizadores das informações (data e assuntos) das imagens fotográficas e como legendas de aspectos que a imagem sozinha não

podia expressar; além de serem suporte para criação e pesquisa. Eram fundamento para a disciplina e documento. Nada poderia ser escrito ali que não fosse simpatizante da verdade (mesmo que a verdade fosse parte da minha imaginação). Há neles diversidade: confissões, poesia, pesquisa, palavras de professores, de artistas, curadores, historiadores da arte, anotações de viagens, desabafos, desenhos do acaso, receitas de tintas, registros de aulas inaugurais, apresentações de TCC e mestrado e até colagens de objetos encontrados pelos corredores, também adesivos, panfletos, desenhos e pequenas pinturas.

Calculo, incluindo os formatos de blocos, pastas plásticas, cadernos em espiral, brochuras, e papéis soltos em envelopes, que existam em torno de 20 diários de bordo, pensados nesta configuração. Neles, encontra-se grande parte de mim. São como um grande compêndio de testemunhos e da tentativa de interpretação do mundo ao qual eu pertenci. Quase uma confissão da minha existência.



AluciA, *Diários de bordo*, 2012, fotografia.

4. AS REFERÊNCIAS IMPREGNADAS

Em FRAGMENTARES – Uma Experiência, existe uma multiplicidade sem fim de referências impregnadas durante a sua construção. Na decisão para eleger um objeto específico encontrado e guardado, como a exemplo das pequenas garrafas e latinhas de Coca-Cola, encontra-se a referência de Cildo Meireles e sua obra “Projeto Coca-Cola”. Por outro lado, na principal decisão de construir o acervo propriamente dito, encontro como principal referência biografias de grandes nomes da História, como filósofos, a exemplo de Aristóteles e sua grande coleção advinda das viagens de Alexandre de Macedônia; cientistas, como Charles Darwin e sua coleção de animais empalhados; exploradores, como Alexander Van Humboldt; além de artistas de todos os tempos.



AluciA, *Homenagem á Cildo Meireles*, 2017.
Conjunto de latas e garrafas de Coca-Cola, dimensões variáveis.

Entretanto, e com certeza os mais importantes, são os últimos. Entre eles, as maiores referências são Farnese de Andrade, Rosangela Rennó, Mark Dion, Kurt Schwitters e Dieter Roth - incluindo Arthur Bispo do Rosário, paciente e asilado crônico em instituição psiquiátrica, elevado ao grau de artista devido a sua vasta obra baseada em objetos reunidos ao longo de sua permanência na instituição de saúde. Estes artistas foram imprescindíveis

para que fosse possível pensar esta produção de modo a dar-lhe significado quanto à ação, organização, intenção e valor no campo da arte. Se não fosse por inspiração dessas obras, talvez todo este trabalho tivesse ficado apenas no campo do passatempo, diversão ou das recordações pessoais.

De todas, a pertencente a Farnese de Andrade se descata, pois levou a uma mudança no meu olhar sobre o cotidiano e também em relação às questões que entrelaçam vida e arte. Aqueles materiais expostos, que pareciam ter um dia sido esquecidos, ali, reconectados um no outro pareciam criar uma nova potência de vida. O artista, que assim como eu colecionava objetos, apresentava sentimentos diversos aos meus em relação a eles. Para Farnese de Andrade, suas obras eram uma espécie de manifestação e de deboche de um mundo que lhe parecia hostil (e talvez por isso, a estranheza que suas obras possam provocar ao seu espectador). Pelo contrário, minha intenção não passa pela geração de estranhamento, mas principalmente por mostrar e fazer ver o despercebido do cotidiano, aquelas coisas que aparentemente banais são capazes de trazer alternativas para esse modo de viver corrido e hermético do ser humano.

Rosangela Rennó é significativamente importante, pois, além de ajudar a refletir sobre o fazer artístico, vislumbra possibilidades num campo que conecta arte, artista, obra, objetos encontrados, objetos comprados em percursos ou viagens e apropriação de arquivos de imagens. A obra da artista fez-me perceber que coleções de fotografias convertidas em arquivos podem ser lidadas como uma espécie de objeto material, saído do campo de exposição para o campo das relações.

O dadaísta Kurt Schwitters, vivendo no pós-guerra e em meio a um mundo praticamente caótico, destruído de bens materiais e conceitos ideológicos me ensinou que até em meio ao caos é possível encontrar uma nova via para construir possibilidades, como também pude observar em suas colagens. Além disso, sua Merzbau, considerada a primeira instalação da história e que foi destruída pela guerra (temos acesso somente a sua documentação), possibilitou-me um novo conceito de espaço relacionado à arte, levando-se em conta a possibilidade de ocupação no espaço da arte.

Mark Dion chamou-me atenção pela similitude entre os seus objetos escolhidos e os meus, assim como pela sua museografia que se assemelha a minha e pelo seu olhar investigativo (uma espécie de arqueologia). Dieter Roth me surpreende ao constatar que praticamente quase tudo pode servir de material para uma obra de arte. E as suas coleções organizadas de maneira tão cuidadosa e peculiar são além de estímulos visuais, são reconfortantes. Depois de conhecer sua obra, comecei a não ter tanto receio de mostrar a

minha. Esse encontro foi uma espécie de absolvição à liberdade de expressão.

Arthur Bispo do Rosário é uma referência surpreendente no campo da arte por literalmente costurar objetos inusitados e sem valor encontrados em suas incursões pelo cotidiano, e fazer com eles arranjos e combinações das mais variadas maneiras, cerzindo, unindo, agrupando, colando e pregando para construir novas histórias nascidas em seu subconsciente. Desse modo, possibilitou uma nova dimensão para se pensar o paciente psiquiátrico, propondo uma reflexão sobre o paradigma de incapacitação, no qual o ser humano é enquadrado quando simplesmente não segue o que a sociedade, a cultura ou as pessoas ao seu redor lhe impõem. Arthur Bispo do Rosário, nesse aspecto, além de um propositor de mudança de paradigmas, inovou na produção de uma espécie de diário visual quando iniciou bordando suas histórias em tecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar até aqui e olhar para trás, como emergindo desse mundo com que estive envolvida e o qual vim construindo por tanto tempo, posso dizer com muita convicção e alegria, quase como um desabafo, que isto é o que eu faço: coleteo objetos, imagens, crônicas. Coleteo pedaços de vida, e esses fragmentos são memória da minha passagem. Por sua vez, esses fragmentos abandonados, desgostosos ou ansiosos por um novo encontro jazem ali, aguardando, aguardando, aguardando, um fim ou um recomeço. Talvez desejassem apenas um intervalo da paisagem ao sol, ou o descanso eterno da escuridão do mar, dos rios ou simplesmente o anonimato das covas da terra.

Nem a fotografia, tampouco as palavras riscadas no papel poderão dar conta dos significados da vida em nós. Nem os vestígios das passagens poderão se insinuar para a eternidade. Entretanto, os percursos do porvir poderão servir de companhia para o vento da nossa existência. É uma ironia que coisas tão comuns, banais ou frugais possam nos servir de tanta companhia ou deleite. Na grande maioria das vezes, não parecia haver motivo para eu esforçar-me a parar, abaixar, coletar, carregar até o fim da caminhada, levar para casa, dedicar-me a observar, limpar, separar, fotografar, fazer anotações, acondicionar, proteger, até o seu destino de repouso. Eu tinha de me certificar que ficariam seguros até eu retornar. Seriam eles tão importantes assim? Porque tratar aqueles objetos que ninguém mais viu ou desejou, como tesouros? A pergunta que fica hoje é se fui eu quem os reconheci, ou eles os responsáveis por favorecerem o meu autoreconhecimento?

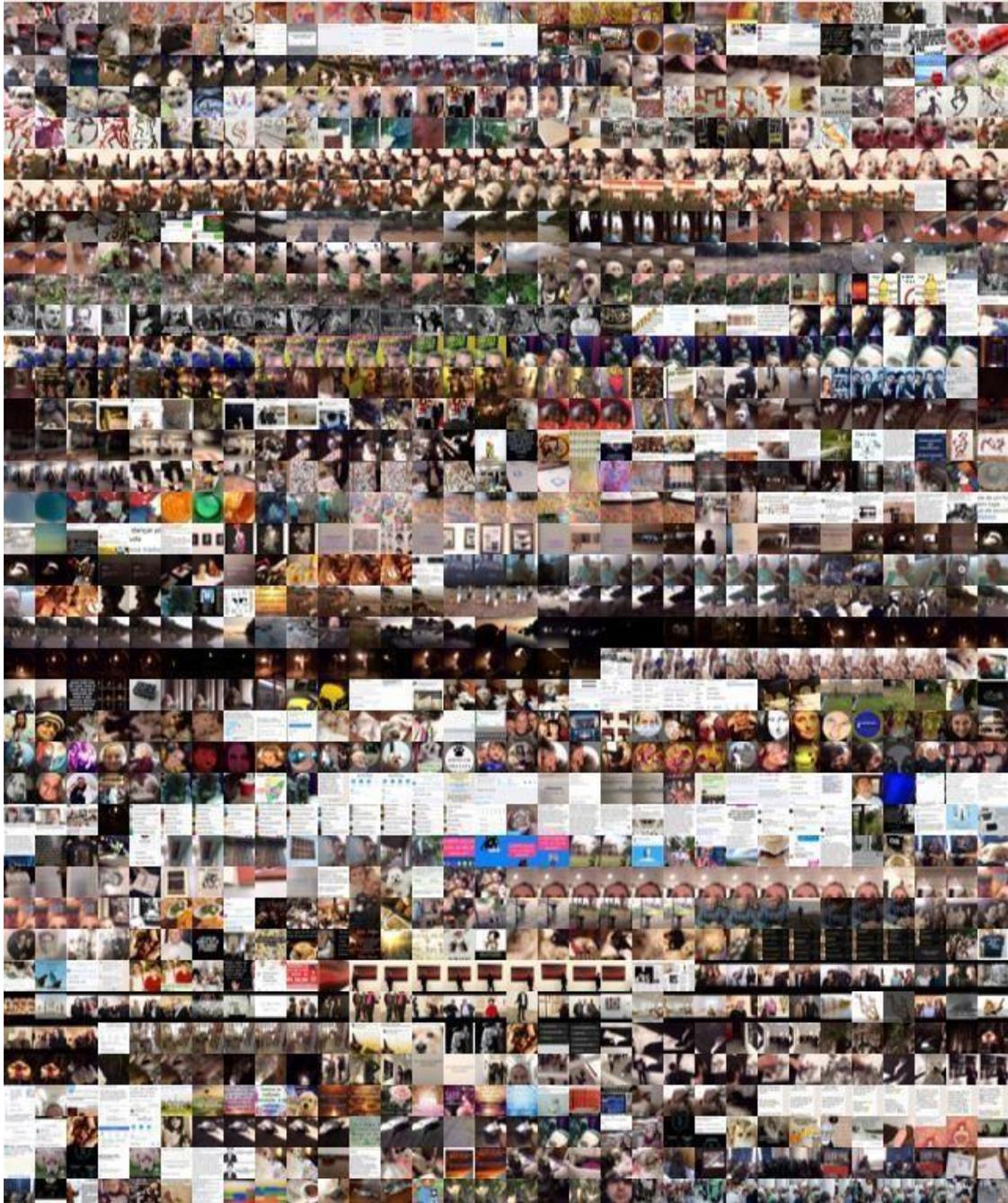
Durante a construção deste trabalho, constatei que muitas das obras que eu produzia estavam relacionadas com experiências da infância e que, talvez, eu jamais as lembrasse se não estivesse nesse mundo da arte. As lembranças mais emocionantes me revisitaram durante todo esse tempo de construção do acervo. Uma delas se destaca, pois revela que a minha motivação em encontrar e guardar objetos vem da infância, quando meu pai me pegava pela mão, na Orla do Guaíba, e me mostrava pedrinha por pedrinha, cada tamanho, cada forma, cada brilho, cada cor, e as guardávamos em sacos plásticos, os quais eram levados para casa como troféus; além disso, meu pai também me ensinou a escolher as conchas mais lindas do mar.

Também lembrei ver a minha mãe, quando eu era menina, sentada se organizando em linhas e palavras e escrevendo como num sem fim; daí entendo vir meu amor pela escrita. Na época, eu não sabia escrever, mas ela me incentivava a rabiscar e desenhar. Então, fui tentando imitar essa minha primeira professora e nunca mais parei de desenhar as letras e o mundo.



AluciA, *Objetos Afetivos*, 2017, fotografia.

Apesar de que as memórias falem a língua da humanidade e possam, de certo modo, ser compartilhadas, não podem ser traduzidas em palavras. Assim, este acervo não foi produzido com a intenção de despertar memórias nem ser documento do tempo. Tampouco foi produzido ao acaso, apesar de não guardar nenhum objetivo pré-determinado. Ele foi pensado como uma construção que se autoconforma e que vai acontecendo conforme passos vão sendo dados. Ele foi acontecendo de modo gradual e claudicante e permanece acontecendo. Um trabalho que parece estar ainda começando, devido a sua incessante necessidade de organização e pelas infinitas possibilidades de combinações e rearranjos. Quero construir uma nova história, até mesmo desconstruir essa história inventada. Felizmente a arte contemporânea é esse universo de possibilidades, no qual podemos nos aventurar e quem sabe nos encontrar e encontrar o outro.

CADERNO DE IMAGENS: FRAGMENTOS DO ACERVO

AluciA, Imagem geral de parte do Acervo FRAGMENTARES, 2017, montagem digital.



AluciA, *Coleção de fotografias da câmera fotográfica do Instituto de Artes da UFRGS, 2012, montagem digital de fotografias tiradas em 2009.*



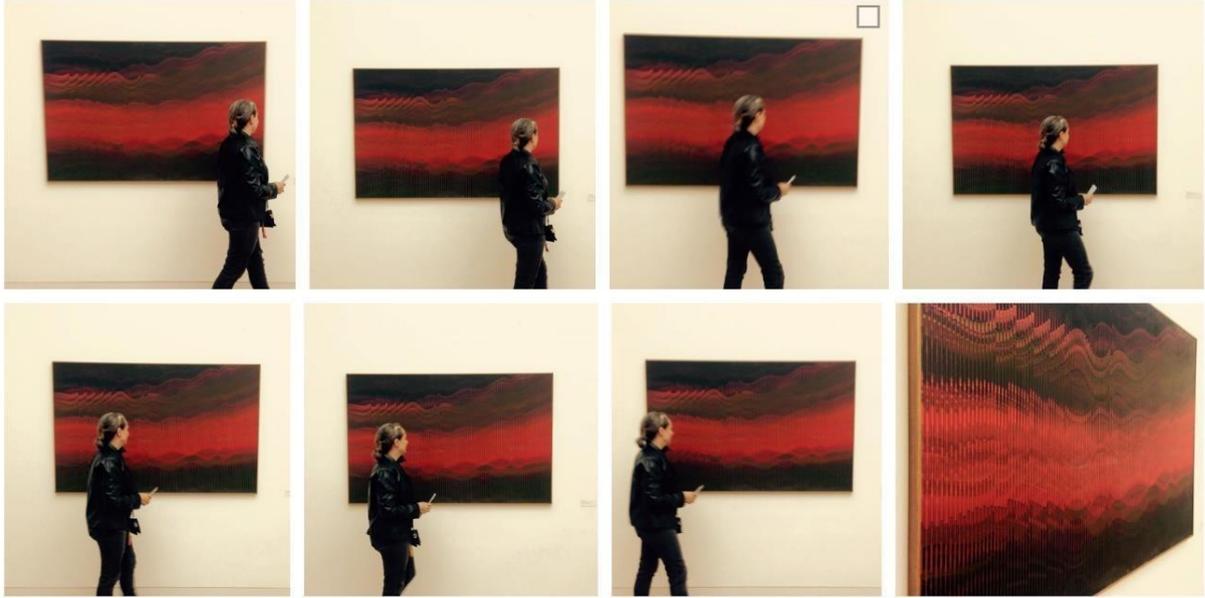
AluciA, *Coleção de fotografias da performance a descorta do fogo, 2018, montagem digital de fotografias.*



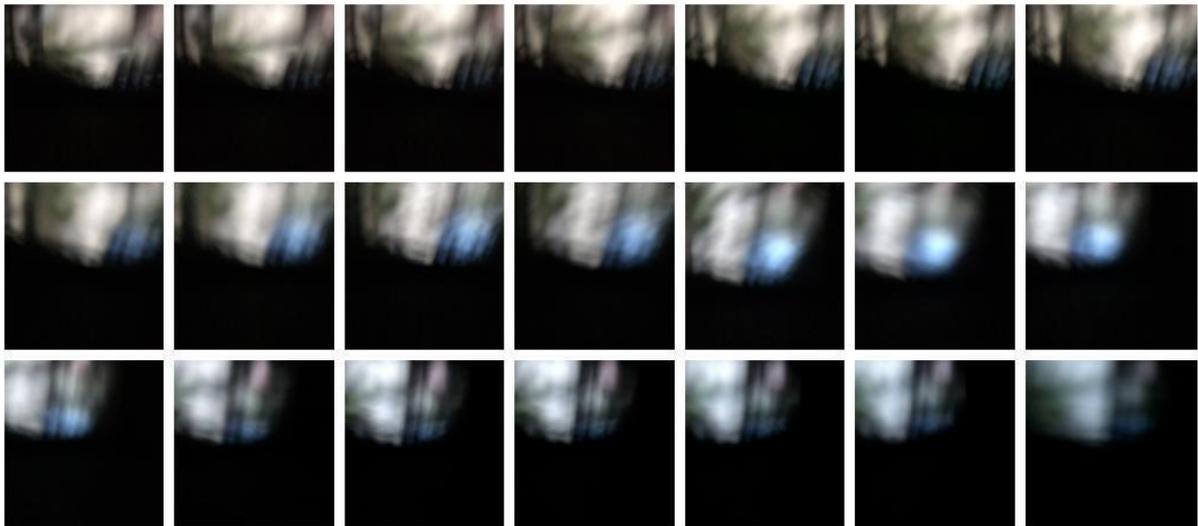
AluciA, *Coleção de fotografias de aulas inaugurais*, 2012, montagem digital de fotografias.



AluciA, *Coleção de fotografias de aulas do curso de Artes Visuais*, 2013, montagem digital de fotografias.



AluciA, *Alucia experienciando Palatnik*, 2015, montagem digital de fotografias.



AluciA, *Manchas luminosas em experimento*, 2018, manipulação digital de fotografias.



AluciA, *Trabalhos AluciA*, 2016, fotografia.



AluciA, *Anjo Barroco no Azulejo – fotos de viagem*, 2015, fotografia.



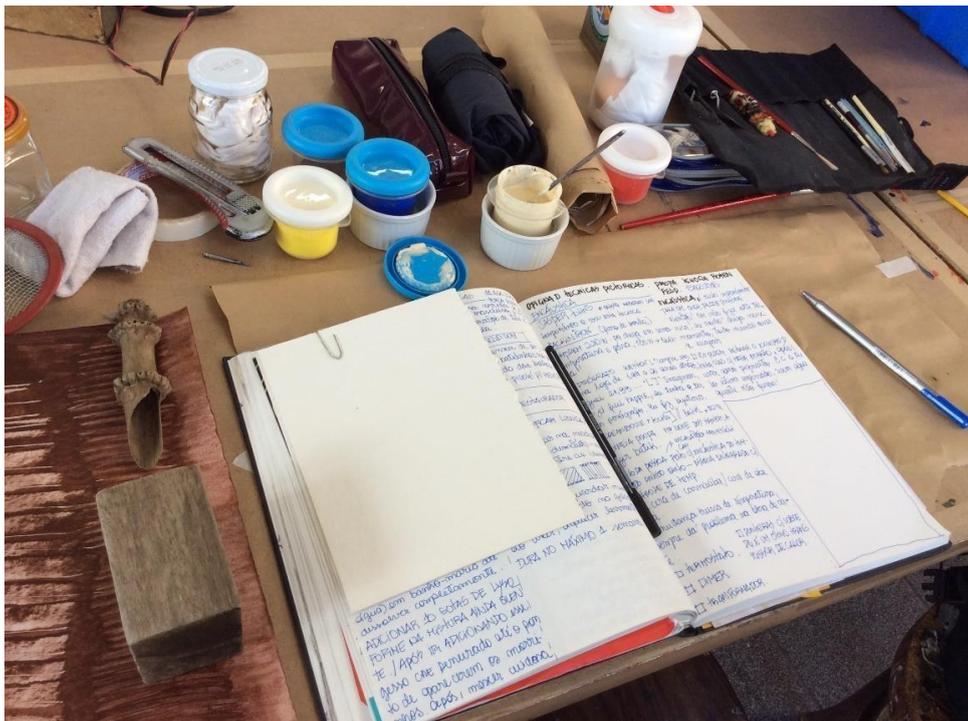
AluciA, *Local de coleta em Florianópolis, S.C*, 2018, fotografia.



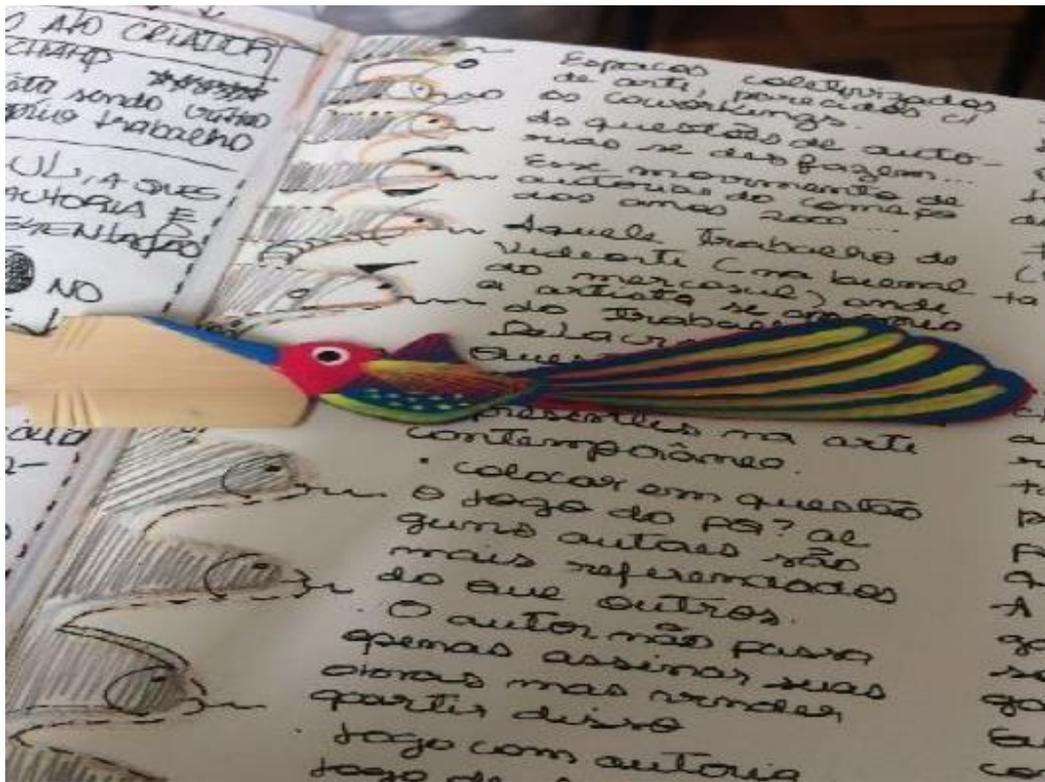
AluciA, *Local de coleta orla do Guaíba em Porto Alegre, R.S*, 2013, fotografia.



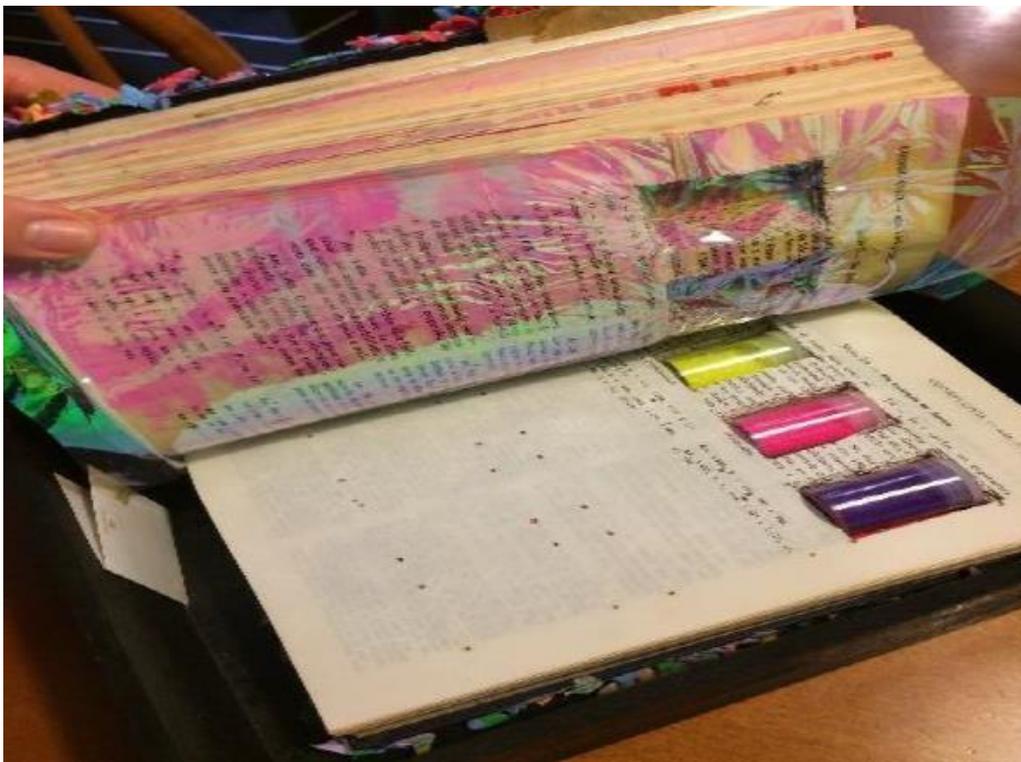
AluciA, *Ponta Grossa – Local de coleta em Porto Alegre, RS, 2018, fotografia.*



AluciA, *Diário de Bordo, 2016, fotografia.*



AluciA, *Diário de Bordo*, 2018, fotografia.



AluciA, *Diário de Bordo*, 2015, fotografia.



AluciA, Objetos encontrados na orla do Guaíba em Porto Alegre, RS, 2015, fotografia.



AluciA, *Paleografiar – Gênese Fragmentares 1*, 2012, fotografia.



AluciA, *Paleografiar – Gênese Fragmentares 2*, 2012, fotografia.



AluciA, *Paleografar – Gênese Fragmentares 3*, 2012, fotografia.



AluciA, *Paleografar – Gênese Fragmentares 4*, 2012, fotografia.



AluciA, *Objetos coletados*, 2018, fotografia.



AluciA, *Assepsia dos objetos coletados*, 2017, fotografia.



Alucía, *Objetos acondicionados 1*, 2018, fotografía.



Alucía, *Objetos acondicionados 2*, 2018, fotografía.



AluciA, *Organização dos objetos*, 2018, fotografia.



AluciA, *Maleta organizadora*, 2018, fotografia.



AluciA, *Coleção de cacos de Vidro Rolados*, 2019, fotografia.



AluciA, *Achados de Percurso x Diários de Bordo*, 2018, fotografia.

**CADERNO DE IMAGENS:
INSTALAÇÃO NA PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO**



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS durante a banca de graduação, janeiro de 2020. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



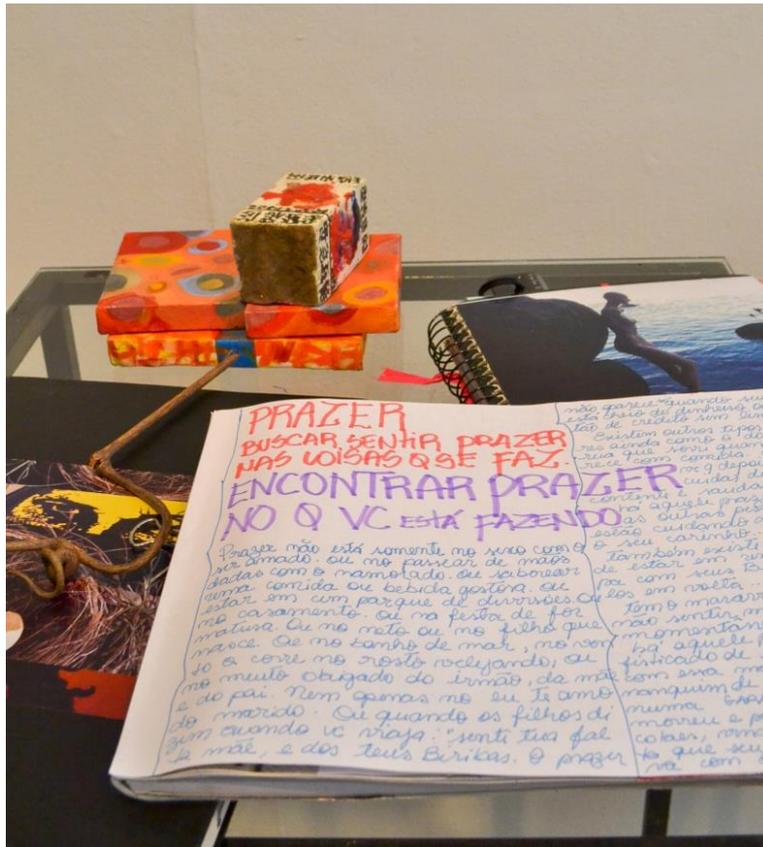
Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação.
Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação.
Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação.
Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação.
 Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.



Fragmentares: Uma Experiência – Vista da instalação. Fotografia: Elaine Tedesco.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, P. Livro/Acervo, Para Além do Arquivo e Arquivo Vivo: uma trilogia possível. **ARS (São Paulo)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, v.12, n.24, 2014. p. 9-18. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ars/v12n24/1678-5320-ars-12-24-00008.pdf>

CATÁLOGO RAISONNE. **Dieter Roth Livros + Múltiplos**. Londres: Thames & Hudson, 26 de abril de 2004. ISBN-10: 0500976309/ISBN-13: 978-0500976302

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano - a arte de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

COSTA, M. de L. **Farnese de Andrade Arqueologia Existencial**. Recife: Editora Caixa Cultural, 2015.

DANTAS, M. **Arthur Bispo do Rosário - A poética do delírio**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. ISBN: 9788571399907

DIÁRIOS DE DIETER ROTH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SjnDdvqR2VU>

DION, M. et. al. **Mark Dion**. Phaidon Press, 1997.

Enciclopédia Itau Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

Gabinete de curiosidades. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/Gabinete_de_curiosidades#/Bibliografia

Gerhard Richter Atlas. Disponível em: <https://www.gerhard-richter.com/en/art/atlas>

KRAJCBERG, F.; MOLLARD, C. **Novo manifesto de naturalismo integral**. Grenoble: Criteres Editions, 2012. ISBN: 9782917829769

MADEIRA, A. Colagem e assemblage: algumas considerações. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens**. Juiz de Fora: Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, n. 2, janeiro- junho, 2016. p. 353-369. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistanava/files/2015/11/12_NAVA-V1-N2_CAP%C3%8DTULO-7.pdf

MATTAR, D. **Farnese de Andrade: Memórias Imaginadas**. São Paulo: Editora Galeria Almeida eDale, 2019.

Mnemosyne Bilderatlas. Madrid: Ediciones Akal, 2010. Disponível em: <https://warburg.library.cornell.edu/>

NAVES, R. **Farnese de Andrade**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

PARTSCH, S. **Paul Klee 1879-1940**. Colônia Taschen, 1993.

RENNÓ, R. **Menos Valia [Leilão]**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. ISBN: 9788540502543

Sprengel Museum Hannover, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba e Goethe Institut (apres.). Kurt Schwitters 1887/1948: O artista merz. São Paulo: Pinacoteca do Estado, outubro de 2007; Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, dezembro de 2007.